
**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO A PARTIR DA ESCRITA FEMININA:
UM DIÁLOGO ENTRE CAROLINA MARIA DE JESUS E CLARICE
LISPECTOR**

Fabiana Souza Valadão de Castro Macena (UEG)¹

Resumo: A escrita de Carolina Maria de Jesus e de Clarice Lispector remetem-nos à reflexão de Virgínia Woolf (2004) sobre a condição de pobreza a que o sexo feminino esteve historicamente subordinado e a discussão de como seria prejudicial o fato da mulher ser representada apenas via uma literatura escrita por homens. Para reforçar a voz feminina que ecoa da autoria dessas duas mulheres, surge este artigo, o qual se propõe analisar dois contos: *Amor* (1998), de Clarice Lispector, para exemplificação de como a mulher passa a questionar seu papel (BEAUVOIR, 1980) e sua identidade (HALL, 2015) e como isso é marcado pelos aspectos socioculturais em que cada autora se enquadra; e *Onde estaes felicidade?* (2014), de Carolina Maria de Jesus, para iluminar a representação do feminino a partir da ótica daquela que ocupa três vezes o papel de subalterna: mulher, negra, favelada. Metodologicamente, amparado pelos conceitos empreendidos por teóricos da análise comparada (CARVALHAL, 2006), bem como os estudos feministas (SCOTT, 1995), este estudo objetiva compreender como os lugares sociais e as identidades de duas escritoras tão díspares podem repercutir em suas obras e no modo como apresentam as angústias e anseios dos grupos étnicos e sociais que representam.

Palavras-chave: Escrita de autoria feminina, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector.

**THE REPRESENTATION OF THE FEMININE FROM THE FEMININE
WRITING: A DIALOGUE BETWEEN CAROLINA MARIA DE JESUS AND
CLARICE LISPECTOR**

Abstract: The writing of Carolina Maria de Jesus and Clarice Lispector send us to the reflection of Virginia Woolf (2004) on the condition of poverty to which the female sex was historically subordinate and the discussion of how detrimental it would be for women to be represented only via a literature written by men. To reinforce the female voice that echoes the authorship of these two women, this article arises, proposing to analyze two short stories: *Amor* (1998), by Clarice Lispector, to exemplify how women starts to question their role (BEAUVOIR, 1980) and their identity (HALL, 2015) and how this is marked by the sociocultural aspects in which each author fits; and *Onde estaes felicidade?* (2014), by Carolina Maria de Jesus, to illuminate the representation

¹ Doutora docente da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: fabivaladao@gmail.com.

of the feminine from the perspective of that one that occupies three times the role of subaltern: woman, black, shanty town dweller. Methodologically, supported by the concepts of comparative analysis theorists (CARVALHAL, 2006), as well as feminist studies (SCOTT, 1995), this study aims to understand how the social places and identities of two such disparate writers can have repercussions on their works and in the way they present the anxieties and yearnings of the ethnic and social groups they represent.

Keywords: Writing by female authorship, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector.

Introdução

Como a mulher representa a figura feminina em sua escrita? A pergunta em si não é nova e, tampouco, sua resposta seria original se não nos propuséssemos a uma análise comparativa entre duas escritoras tão díspares e tão igualmente singulares. Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector estão, cada uma, em um polo social e étnico, e, embora exerçam a mesma atividade – escrever, ambas obtiveram visibilidades diferentes. A primeira foi um sucesso estrondoso, mas efêmero; a segunda foi construindo paulatinamente um legado que a colocou nos livros didáticos, tornando, obrigatória, desde o ensino básico, a leitura de sua obra. Mas, resguardadas as devidas proporções, ambas contribuíram para o empoderamento feminino, uma vez que seus textos configuram a oportunidade de dar voz ao grupo que representam por meio de sua escrita e de suas personagens femininas.

Desse modo, este estudo espera contribuir para que a escrita de autoria feminina seja iluminada, bem como as peculiaridades que advêm da possibilidade de o subalterno se representar. Segundo Regina Dalcastagnè² (2012, p. 18), é quase absoluta a ausência de “representantes das classes populares” na narrativa contemporânea, não só quanto a produtos literários, como também a personagens. Assim sendo, a escrita carolineana ganha maiores proporções porque insurge contra a opressão que tem negado voz àqueles que ocupam a margem da sociedade. Em relação ao papel ocupado dentro do texto

² A fim de verificar as oportunidades de escrita dadas aos grupos minoritários, como mulheres, negros e pobres, Regina Dalcastagnè desenvolveu, pela Universidade de Brasília, uma pesquisa, a qual considerava, entre outros aspectos, todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004).

literário, o trabalho de Regina Dalcastagnè (2012, p. 164) aponta que, entre as personagens estudadas, “773 (62,1%) são do sexo masculino” e “471 (37,8%) do sexo feminino e que, “além de serem minoritárias nos romances, as mulheres têm menos acesso à voz – isto é, à posição de narradoras – e ocupam menos as posições de importância” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 165).

Nesse sentido, tanto Carolina Maria de Jesus quanto Clarice Lispector representam duas significativas conquistas para as lutas feministas: tratam-se de duas mulheres cujos textos apresentam protagonistas mulheres. Contudo, os diversos e recorrentes desvios linguísticos presentes no texto de Carolina Maria de Jesus, decorrentes de sua baixa escolaridade, afastam-na do círculo acadêmico e do currículo didático. Ela deveria, porém, ser reconhecida por seu “olhar de dentro” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 41), capaz de revelar diferentes nuances do universo socialmente marginalizado, uma vez que dele faz parte. Enquanto o “olhar de dentro” de Clarice Lispector possui outra representatividade, pois “é uma lente ideal para ver a realidade e a quotidianidade enxovalhante da vida” (CARVALHO, 2012, p. 108), mas não necessariamente aquilo em que ela, autora, está imersa.

As duas autoras apresentam-se em diálogo por serem mulheres tratando de mulheres, mas distanciam-se quanto aos lugares étnicos e sociais que ocupam. Por essa razão, torna-se necessária a abordagem dos estudos culturais sobre o sujeito pós-moderno (HALL, 2015) e a construção de sua identidade, a fim de que se amplie a análise das (im)possíveis intersecções sociais³. Para que os aspectos referentes à identidade pós-moderna pudessem ser somados aos estudos literários, julgamos necessário partir da natureza da literatura comparada (CARVALHAL, 2006), a qual concebe o saber sob viés enciclopédico, amalgamado por um repertório cultural diversificado, afinal, “a formação do comparativista se dá mais em termos de bagagem, de erudição do que de adestramento em técnicas de análise. Sua tarefa é, sobretudo, a da caça de indícios” (CARVALHAL, 2006, p. 19).

³ Para exemplificar essa questão, Stuart Hall (2015) usa como exemplo o episódio em que o então presidente dos Estados Unidos da América, George Bush, procurou restaurar a maioria da Suprema Corte americana, lançando um juiz negro de visões políticas conservadoras. Assim, ou a identidade política ou a identidade étnica trariam-lhe aliados. As intersecções surgem dos aspectos que se cruzam (HALL, 2015, p. 15), no presente caso, serem escritoras e serem mulheres. As impossíveis intersecções, por sua vez, decorrem do fato de uma ser branca, socialmente favorecida e escolarizada; enquanto a outra é negra, favelada e de baixa escolaridade.

Nesse sentido, compreendemos a necessidade não só de recorrer aos estudos culturais (HALL, 2015), como também de revisitar os estudos misóginos (BLOCH, 1995) e feministas (BEAUVOIR, 1980), os quais, somados, iluminam a figura feminina, favorecendo a análise da representação da mulher e dos (pre)conceitos que foram construídos a respeito de sua identidade. Como *corpus*, selecionamos os contos *Onde estaes felicidade?* (JESUS, 2014) e *Amor* (LISPECTOR, 1998), por serem ambos do mesmo período, exemplificarem a produção de autoria feminina e trazerem como protagonistas, mulheres, as quais, de certa forma, representam as identidades de suas autoras.

1. Felicidade, mulheres e representações

Começamos por Carolina Maria de Jesus. Esta nasceu em Sacramento, Minas Gerais, mas, na juventude, partiu para São Paulo. Morou primeiro em Franca, depois foi para a capital e instalou-se na então favela do Canindé. Lá, Carolina permaneceu por mais de vinte anos e foi de onde surgiu seu mais conhecido livro *Quarto de despejo*⁴ (1960). Antes de conhecer o jornalista Audálio Dantas, responsável pela divulgação de seus textos e publicação de seu primeiro livro, Carolina Maria viveu, exclusivamente, do trabalho como catadora de papel e ferro velho e com esse dinheiro criou, sozinha, os três filhos uma vez que nunca foi casada. Entretanto, após o notável sucesso de seu diário, Carolina conseguiu realizar o sonho de sair da favela e morar em uma casa de alvenaria e passou, ainda que por algum tempo, a viver do dinheiro revertido pelas vendas de seus livros.

Passemos a Clarice Lispector. Esta nasceu na Ucrânia, mas seus pais imigraram para o Brasil pouco depois, indo instalar-se em Maceió e, mais tarde, em Recife. Estudou inglês e francês, na infância, e cresceu ouvindo o idioma dos pais, o iídiche. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou em direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na universidade, conheceu aquele que viria a ser seu marido, o diplomata Maury Gurgel Valente. Da união nasceram seus dois filhos e surgiram as diversas possibilidades de viver fora do país. Dedicou a vida à escrita, produzindo textos para jornais, mas principalmente, escrevendo literatura.

⁴ O lançamento ocorreu em 1960, seguiram-se três edições, com um total de 100 mil exemplares vendidos, tradução para 13 idiomas e vendas em mais de 40 países.

As breves biografias serão úteis para que tracemos as intersecções identitárias (HALL, 2015) dessas duas autoras: mulheres e escritoras. Entretanto, a vida economicamente confortável de uma contrasta-se profundamente à vida da outra e isso poderá ser notado em relação às abordagens realizadas em seus textos. Consequentemente, a classe social irá repercutir na linguagem utilizada no processo de escrita, reforçando o espaço de subalternidade ocupado por Carolina Maria de Jesus. Para melhor contemplarmos esses e outros aspectos dissonantes bem como os consoantes, trazemos para este estudo um conto de cada uma das presentes autoras.

De autoria de Carolina Maria de Jesus, selecionamos *Onde estaes felicidade?* (JESUS, 2014). Ele narra a trajetória de um casal singular. Um homem, José dos Anjos, apaixona-se por uma bela jovem de nome Maria da Felicidade e, “cativo dos seus encantos” (JESUS, 2014, p. 14), ele passa a seguir a felicidade por todos os cantos. Embora seja um trabalhador rural e, portanto, tenha apenas uma vida simples e de lutas para oferecer, José dos Anjos, em seu afeto puro, propõe a ela casamento. Trabalhador, bom e honesto, ele a leva para morar consigo em um humilde rancho e ali vivem por um bom tempo, felizes. Todavia, em certa ocasião, um caixeiro viajante, passando por ali, encanta-se com a beleza de Felicidade e, para seduzi-la, começa a presenteá-la com tecidos, joias e elogios. E, como escreve Jerônimo (JERÔNIMO apud BLOCH, 1995, p. 42), “através dos cinco sentidos, como por janelas abertas, o vício tem acesso à alma”. A janela do olhar é que traz ao caixeiro e à Felicidade o encantamento. Pelo sentido da visão é que os dois descobrem a beleza: ele, a física; ela, a prosperidade.

O esforço para seduzir é lento, gradativo e frutífero. Felicidade é tomada pelo fascínio da prosperidade que ela não possui; fica encantada com a possibilidade de conhecer lugares que sequer imaginava existir e, afinal, decide abandonar o marido. Embora Felicidade chegue a essa sentença, não é simples cumpri-la, uma vez que o José dos Anjos é um homem íntegro, que a ama e a ela se dedica. Desse modo, para pôr fim ao dilema, o amante sugere que ela se finja de louca, pois, dessa forma, o marido é quem irá desejar vê-la partir. Conforme a orientação do viajante, Felicidade coloca painéis sobre a cama e travesseiros sobre o fogão, assustando o marido. Quando o viajante aparece, diz que é médium e, diagnosticando Felicidade como louca, prontifica-se a levá-la para um hospício. Por não ter dinheiro para gastar com o tratamento, José dos Anjos consente e, assim, vê partir sua Felicidade.

E os anos passaram. Ele esperou. Esperou o seu regresso. Ele não podia ir procura-la. E a saudade fôí multiplicando. E de tanto pensar na sua esposa resolveu procura-la. Ja não dormia, não comia. Ele ia em tôdas cidades que tivesse hópicio. Vendeu tudo que possuía. Empreendeu na viagem. Chegou numa cidade perguntou onde era o hospício lhe indicaram chegou desconfiado porque nunca tinha visto uma cidade. Aquelas casas agrupadas, tantas gentes nas ruas. Muitas musicas. Ele atrapalhava porque não sabia ler. Pagou um menino para conduzi-lo ao hospício.

Olhou assustado para aquela casa enorme de vários andares e perguntou ao porteiro.

- A Felicidade esta aqui?

O porteiro sorriu. Depois ficou sério e respondeu-lhe:

- Meu filho! A Felicidade nunca passou por aqui. Os que aqui residem são todos infelizes. (JESUS, 2014, p. 22)

Assim, de hospício em hospício segue errante o infeliz José dos Anjos, procurando sua Felicidade, até que, cansado, ele volta para o rancho onde fora tão feliz com sua companheira e fica esperando que ela volte.

Conforme Bakhtin (1997), a construção composicional é alcançada por enunciados, os quais “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua” (BAKHTIN, 1997, p. 261). Sendo assim, pode-se afirmar que o título do texto já mostra a delicadeza da escrita de Carolina Maria de Jesus. A pergunta que estabelece o eixo condutor da narrativa é significativamente ambígua, uma vez que descobrimos que Felicidade tanto pode ser compreendida como sentimento, redigido com letra minúscula por ser comum, ou pode ser o nome da personagem e, nesse caso, redigido com letra maiúscula já que se trata de um substantivo próprio.

O duplo sentido causado pela escolha do nome Felicidade reverbera no título e no corpo do texto. A paixão de José dos Anjos, o fato de querer tê-la sempre consigo, a realização de estar acompanhado por ela e o desalento de perdê-la, fazem com que, naturalmente, o leitor compreenda a felicidade como um elemento personificado e, por extensão associe os acontecimentos a uma metáfora da vida humana: a ambição afasta e corrompe a felicidade. Por outro lado, o fato de que seja a personagem feminina escolhida para representar aquela que se corrompe, traz um eco do discurso misógino que tem em sua égide a mulher como princípio de todos os males: “a mulher está em algum sentido fundamental colocada já desde sempre no papel de enganadora, trapaceira, jogral” (BLOCH, 1995, p. 29). Podemos depreender da narrativa que a

mulher é a detentora da felicidade, mas que, fatalmente, será seduzida pelo que é supérfluo e se corromperá.

Em *Amor* (LISPECTOR, 1998), apresentam-se, em outra perspectiva, as ideias de realização e felicidade, bem como se oferece outra abordagem sobre o comportamento feminino. No conto clariceano, “a felicidade está na possibilidade das personagens tomarem decisões, de conhecerem suas naturezas. Está mesclada à dor, mas não é menos intensa e menos esperada” (CASTILHO, 2006, p. 148). A personagem protagonista, “é descrita a partir das suas atividades cotidianas. Ana esforça-se por encaixar-se nas convenções sociais, que reservam para ela as funções de criar os filhos, de cuidar do marido e da casa” (CARVALHO FILHO, 2012, p. 96), possui uma vida monótona, junto ao esposo e aos filhos que, cada vez mais, ocupam-na e, cansada, ela reflete: “plantara as sementes que tinha na mão, não outras” (LISPECTOR, 1998, p. 19) e essas sementes eram o marido, o casamento, os filhos. Esses elementos reforçam uma marcante característica da escrita clariceana, cujos textos “expõem personagens comuns. É a condição de normalidade humana que interessa” (CASTILHO, 2006, p. 23). Contudo, essa normalidade está repleta de dominação masculina, resultante daquilo que Pierre Bourdieu (2012) chama de violência simbólica, “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do descobrimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. (BOURDIEU, 2012, p. 7-8).

Segundo Simone de Beauvoir, (1980, p.165), o destino da mulher seria o casamento, logo, é preciso pensar que tal constatação remete às escolhas que são dadas as mulheres. Ela, verdadeiramente, não teria outro caminho a transcorrer, a não ser aquele pelo qual optara. As palavras “escolha” e “opção” produzem efeito irônico, já que significam exatamente a impossibilidade de preferir um caminho a outro e, por essa razão, a repetição contundente da frase: “assim ela quisera e escolhera” (LISPECTOR, 1998, p. 20 - 21), ao final de cada reflexão. É preciso que ela repita para si mesma, incessantemente, a fim de se convencer de que não apenas preenche um espaço social, mas que ali está por decisão própria e que sua participação é fundamental para a ordem dos acontecimentos: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num

destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado” (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Desse modo, Ana, claramente, percorreu a trajetória que era socialmente esperada da mulher, mas isso não significava estar feliz nessa condição. Ao contrário, a narrativa está transpassada de pequenas reflexões que evidenciam o que Ana realmente sente sobre sua vida e como precisa afastar de si os pensamentos questionadores a fim de aceitar aquilo que repetia para si mesma: “sem a felicidade se vivia” (LISPECTOR, 1998, p. 20). Para afastar de si os momentos de meditação é que a personagem se ocupa ao máximo das tarefas domésticas, procurando preencher cada espaço ocioso. Entretanto, sua tentativa de abafar seus incômodos é repentinamente abalada por uma visão: “o cego mascava chicletes” (LISPECTOR, 1998, p. 21). Essa situação “é ocasionada por um momento de epifania - no qual a raiz grega “fan” significa aparecer, tendo como significado terminológico o instante que marca o aparecimento de uma divindade, reinterpretado aqui como a revelação de uma mensagem” (CARVALHO FILHO, 2012, p. 94). Será esse elemento catártico que trará à tona seu conflito: “o que chamara de crise viera afinal” (LISPECTOR, 1998, p. 23).

A partir desse momento, Ana vagueia em busca, implicitamente, da felicidade perdida, a qual está associada a sua essência mais primitiva, aquilo que ela poderia ter sido e não foi: “o que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles...” (LISPECTOR, 1998, p. 26). Por ter frente a si uma nova percepção da realidade é que Ana passa a entender a vida “sadia” que levava” como um “modo moralmente louco de viver” (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Após ver o cego, Ana, em sua epifania, desce do bonde e para no Jardim Botânico. Esse espaço enfatiza “a importância da vida em ebulição e em todos os aspectos” (CASTILHO, 2006, p. 49). Observando a vida dentro do jardim, Ana conclui que havia mais o que fazer, mais em que contribuir do que apenas para a harmonia de um lar.

O espaço é algo bem significativo neste conto: a consciência e a racionalidade são representadas pelo apartamento onde vive a família de Ana; e a inconsciência e a libertação mental das “amarras sociais” é ressignificada através do bonde e do bosque. Este último simboliza os desejos reprimidos do inconsciente, uma espécie de fuga em relação à sua vida urbana. (CARVALHO FILHO, 2012, p. 97)

Contudo, romper com os laços já existentes não é simples, pois a vida que construíra tinha seu conforto, sua comodidade e, naturalmente conduzida pela rotina, ela apaga a revelação desse dia. O conto, portanto, encerra-se com a evidência de que Ana não desfaz o nó que a mantém na condição de mãe, esposa e dona de casa, porém o texto permite entrever que ela já não é mais a mesma.

Não há dúvidas de que em sua natureza discursiva, o conto reflete o estilo clariceano de escrita e, para além dele, a condição da mulher na sociedade. O texto se forma como uma teia que revela as amarras e justifica sua manutenção, iluminando como os tecidos sociais se harmonizam no sentido de manter a mulher no centro do lar e como esteio familiar e ali mantê-la.

2. Diálogo, consonâncias e dissonâncias em Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector

Comparando o conto de Carolina Maria de Jesus ao de Clarice Lispector, percebemos em consonância as pistas discursivas (TODOROV, 2008) que sinalizam para metáforas encobertas pelo tecido narrativo. Nos dois textos, o leitor poderia permanecer na superfície e limitar sua análise ao que está denotativamente dito. Contudo, o que aproxima essas duas autoras é justamente a escrita que nos possibilita ter acesso às profundezas do texto e, por conseguinte, do ser representado ali. É possível e quase inevitável, compreender a figura de Maria da Felicidade como a personificação do sentimento e isso não pode ser atribuído apenas ao gênero do substantivo, pois seria reduzir o laborioso trabalho de Carolina Maria de Jesus. Podemos observar que, em seu esmero, a autora faz um jogo de palavras e sentidos que nos fazem compreender como o sentimento e as pessoas podem ser corrompidas⁵. O primeiro deles, segundo os estudos sobre misoginia, é a visão: “uma vez que o desejo reside no olhar, e uma vez que não faz diferença se alguém vê ou é visto, seja por outros ou por si mesmo, e se por fim a vista não reside inteiramente na faculdade da percepção, mas também é uma faculdade do intelecto”. (BLOCH, 1995, p. 129).

⁵ Faz-se necessário destacar que, nesse sentido, o termo atende aos preceitos misóginos, que tendem a ver o comportamento feminino sempre na perspectiva androcêntrica (BLOCH, 1995).

Está claro que a teoria misógina reduz essa perspectiva ao plano feminino, mas, por meio da literatura, Carolina Maria de Jesus expande tal conceito para toda a sociedade: qualquer ser humano permanece feliz, ainda que vivendo em um rancho, de maneira simples, até que seja seduzido pelas ambições associadas ao acúmulo de bens. Se mantivermos a ótica misógina, concluiremos que bastou ser vista para que Maria da Felicidade, em razão de sua beleza, fosse desejada. Primeiro, por José dos Anjos; depois, pelo viajante. A beleza de Felicidade é quase uma falha, pois se ser mulher já é o bastante para colocá-la sob constante suspeita e sujeita à sedução, ser bela aceleraria o inevitável: “Uma mulher bonita é rápida em inspirar amor; as paixões de uma feia se acendem facilmente. O que muitos amam é difícil proteger; o que ninguém quer ter é humilhante possuir” (BLOCH, 1995, p. 27). Contudo, se lançarmos sobre os acontecimentos, os estudos de Simone de Beauvoir (1980), o que Felicidade faz é transgredir, é buscar para sua realidade novos contornos, livres do que a sociedade secularmente ofereceu à mulher. Essa multiplicidade ótica torna rico o texto de Carolina Maria de Jesus. Em sua complexidade, o texto oferece tanto a perspectiva de avaliação literal, recaindo toda crítica sobre a figura feminina, como possibilita a leitura conotativa e, nesse caso, uma ponderação sobre os valores que regem as relações sociais. Tais considerações reforçam a hipótese de que o texto de Carolina Maria de Jesus tanto pode ser instrumento que evidencia os conceitos machistas os quais recaem sobre o comportamento feminino, como pode servir de reflexão sobre como a sociedade pode ser aviltada.

Por sua vez, Clarice Lispector nos oferece Ana que, a seu modo, representa a mulher domesticada, encaixada no papel que socialmente lhe foi destinado. A “submissão da mulher está na ordem das coisas: ela [a mulher] deve ser dominada e governada pelo homem assim como a alma deveria regular o corpo e a razão viril dominar a parte animal do ser” (BLOCH, 1995, p. 39). A dominação, por sua vez, só é possível quando a mulher repreende sua natureza e faz não aquilo que gostaria, mas aquilo que esperam dela.

Ao longo da narrativa, o leitor toma conhecimento de que Ana não é feliz e que sua felicidade não se limitaria a ficar cuidando de sua casa, seu marido, seus filhos: ao contrário, que haveria no mundo pessoas que precisariam dela e que, por essa razão, seu papel poderia ser outro. É imprescindível destacar aqui como o trabalho é importante para construção da dignidade feminina e a igualdade dos gêneros. Nas palavras de

Simone de Beauvoir (1980), historicamente, o homem, por se inserir em um contexto privado e público, não tem a mulher ou a família em primeiro plano, afinal, internalizou valores de um destino mais amplo, relacionado também ao seu crescimento profissional. A mulher, por sua vez, foi, predominantemente, confinada à vida doméstica e teve, por conseguinte, seu destino voltado quase inteiramente para o homem. Desse modo, Ana vê-se entre manter a disposição da estrutura familiar ou opor-se a ela e dar vazão à sua essência até então represada.

Se, conforme Virgínia Woolf (2004, p. 114) “é fatal para a mulher colocar a mínima ênfase em qualquer ressentimento” ao escrever, Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector cumprem bem o papel de distanciamento, uma vez que ambas desenvolvem suas narrativas por meio de elementos que podem ser apreendidos conotativo ou denotativamente. As ambiguidades por elas praticadas fortalecem o enredo, por fugirem da obviedade, mas, acima disso, corroboram para um discurso que não se presta ao serviço de homenagear ou vitimar as mulheres; ou mesmo recriminar homens e sociedade; mas de, duplamente, fazer-nos refletir sobre todos esses elementos e como eles coexistem. Se a mulher tenta “advogar, mesmo com justiça, qualquer causa; de qualquer modo, falar conscientemente como mulher” (WOOLF, 2004, p. 114), ela está condenada à morte como escritora. Possivelmente, é por conseguirem escapar a essa armadilha, que Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector produziram textos tão consistentes.

Considerações finais

Há, nesse encontro entre a voz de quem escreve e daquela que é representada, uma convergência histórica de subalternidades: cor, classe social e, especialmente, gênero. Tanto Felicidade quanto Ana, de certa forma, representam as identidades de suas escritoras. Felicidade é pobre, assim como Carolina Maria de Jesus, a condição de subalternidade da autora, reforçada por sua negritude, repercute em uma escrita em que a fonte da realização pessoal está associada à situação socioeconômica. Por outro lado, Clarice Lispector ocupa uma condição privilegiada uma vez que é branca, inserida em uma família economicamente estável, o que, automaticamente, reverbera na posição ocupada pela personagem Ana. As preocupações desta são de outra demanda, com vicissitudes contingenciadas à sua vida.

Conforme Simone de Beauvoir (1980, p. 30), a figura feminina está sempre à sombra da figura masculina. Seja nos textos bíblicos, mitológicos ou históricos. Ainda parafraseando a autora, há cem histórias de homens gloriosos, para uma mulher bem sucedida. Sendo assim, as duas autoras que são a égide deste estudo convergem não somente na figuratividade com que desenvolvem seu texto, como também, por colocarem a mulher no centro da narrativa. Se extrairmos da figura de Maria da Felicidade sua constituição ambígua e a analisarmos apenas como uma representação do feminino, Carolina Maria de Jesus terá contribuído para os estudos de gênero no sentido de humanizar a mulher que tem a coragem de abandonar o marido para buscar a *sua felicidade*. Quanto à personagem Ana, sua contribuição reside no fato de prenciar as reflexões identitárias que serão despertadas na contemporaneidade, levando a mulher a questionar seu “papel”, sua “condição”. Sendo assim, as identidades múltiplas (HALL, 2015) movimentam os dois textos, uma vez que as duas personagens poderiam permanecer estáveis nos lugares em que estavam, mas, seja na intenção ou na realização, ambas optam pela modificação de seu status.

Por fim, ressaltamos que não há qualquer pretensão de isolar em análise única e definitiva os dois contos selecionados. Ao contrário, interessa-nos justamente iluminar a escrita feminina, a figura da mulher presente na literatura e, qualquer movimentação que siga nesse sentido estará contribuindo para nosso propósito. Conforme Roland Barthes (2013, p. 23), “na cena do texto não há ribalta: não existe por trás do texto ninguém ativo (o escritor) e diante dele ninguém passivo (o leitor); não há um sujeito e um objeto”. Estendemos esse raciocínio para além das obras analisadas e abarcamos o próprio estudo que por hora apresentamos.

Observemos, porém, que a formação de opiniões pressupõe a leitura das obras e isso é o que de fato motiva este estudo. Ansiamos por estimular que os textos dessas autoras sejam mais lidos e discutidos a fim de que se projetem as discussões sobre como a mulher é vista pelo outro e por si mesma. No “jogo das identidades” (HALL, 2015, p. 15), é inegável que os dois textos possibilitam que a identificação feminina se sobressaia, podendo esta variar do ponto de vista étnico-social. Desse modo, assim como a voz de Clarice Lispector é constantemente resgatada na cultura literária, também deve sê-lo a de Carolina Maria de Jesus, pois a sua gutural voz é o som mais próximo dos subalternos e, portanto, precisa ser lembrada para que seu eco permaneça e outras vozes venham se somar à dela.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Os gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1997, p. 261-306.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BLOCH, Howard. *A misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, Sylvania Cápua. *A sensibilidade claricenana de narrar o cotidiano*. Artigo apresentado no 3º Colóquio do grupo de Estudos Literários Contemporâneos: Um cosmopolitismo dos trópicos e 100 anos de Afrânio Coutinho (1911-2011): A crítica literária no Brasil. Feira de Santana. Anais. Feira de Santana: Uefs, 2012, p. 107-116.

CARVALHO FILHO, Ildefonso Alves de. RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. *A representação da condição feminina em contos de Clarice Lispector*. Comunicação apresentada no 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, UFPB, 2012.

CASTILHO, Angélica de Oliveira. *Clarice Lispector e Nelson Rodrigues: modernidade e tragicidade*. Rio de Janeiro, 2006. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2015.

JESUS, Maria Carolina. *Onde estaes felicidade?*. Dinha e Raffaella Fernandez, organizadoras. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, Porto Alegre-RS, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez, 1995.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 53 – 63.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.